

## APRESENTAÇÃO

Este volume contém alguns dos trabalhos apresentados durante o 4º Encontro Perspectivas da Literatura Francesa, sobre O Romance Francês do Século XX, realizado na Faculdade de Ciências e Letras da UNESP de Araraquara.

Em suas Reflexões sobre o romance francês do século XX, Fulvia Moretto elabora um rápido panorama do gênero, detendo-se especialmente na primeira metade do século e nas obras de autores cujos nomes tiveram grande repercussão literária no período: Gide, Proust, Roger Martin du Gard, Jules Romains, Georges Duhamel, François Mauriac, Georges Bernanos, André Malraux, Saint-Exupéry, Sartre, Simone de Beauvoir. Observa que as grandes linhas do romance vão se transformando e na segunda metade do século, ao lado de Marguerite Yourcenar, André Peyre de Mandiargues, surge o *Nouveau Roman*, que durante algumas décadas ocupa o mundo literário francês com os nomes de Nathalie Sarraute, Alain Robbe-Grillet, Michel Butor, entre outros. Em todos esses escritores descobre-se o desejo de realizar pesquisa com novas escrituras que substituam o romance tradicional. A articulista conclui apontando o que aconteceu com o gênero em meio às marchas e contramarchas do final do século.

Sobre Gide, o leitor encontrará neste número dois artigos: “André Gide e o questionamento do romance” e “*L’auteur mis en abyme*”. Neste último, Alain Goulet expõe a noção de “*mise en abyme*”, expressão que André Gide inventou e que emprega em uma página de seu *Journal* (1951), publicado primeiramente em 1893. O autor já havia utilizado esse procedimento em *La tentative amoureuse* (1951). Após uma primeira definição, Gide busca esclarecer essa técnica servindo-se de pintura, literatura e teatro que a usaram, de maneiras diversas, da Idade Média aos tempos recentes. O leitor verá também que Gide, “autor-narciso”, em sua estréia literária, sentiu necessidade de um duplo no espelho para poder “reunir-se, compor-se, exprimir-se”. No outro artigo, Regina Salgado Campos discorre rapidamente sobre a obra do autor antes de analisar *Os moedeiros falsos*, único de seus livros que ele considerou romance, e no qual inaugura uma série de novos procedimentos romanescos, como já o fizera em algumas narrativas anteriores.

O volume contém também dois textos sobre *Le grand Meaulnes*, obra publicada em 1914 pelo autor bissexto Alain Fournier. No primeiro, Cláudio Silveira Maia faz uma interpretação freudiana da obra, pela qual busca desvendar o trabalho de construção de sentido a partir da imbricação entre consciente e inconsciente e da presença do estranho (*Das Unheimlich*) e do sonho. O outro artigo, de Norma Domingos, dá ênfase a essa obra que, em período de crise do romance, nas ressonâncias do simbolismo, reencontra o romanesco sem abandonar a poesia que transfigura a realidade, e conduz os romancistas à expressão de emoções poéticas. Nesse sentido, *Le grand Meaulnes* é exemplar do novo gênero que se firmou nesse início de século.

O Aprendiz de ventríloquo ou Max Jacob romancista trata desse autor que, juntamente com Guillaume Apollinaire, Blaise Cendrars e Pierre Reverdy, nos primeiros anos do século, se interessa pela natureza, limites e função da arte. Poeta e prosador, ele sempre demonstrou desconfiança em relação às formas tradicionais do gênero. De 1911 a 1918 publicou três romances que registram o espírito aventureiro e experimental da época. Mas foi após a guerra, diz Adalberto L. Vicente, que ele desenvolveu uma concepção particular de romance e novos procedimentos narrativos que provocam, mesmo no leitor atual, sensações de estranhamento, desorientação, surpresa, dando, com isso, a sua contribuição para a diversidade do romance do século XX.

Avançando nessa primeira metade do século, Luiz Antonio Amaral trata, em Albert Camus: um escritor francês, desse autor que professou um humanismo trágico e é revolucionário ao subverter a palavra em uma escritura artista. Seu romance aproxima-se do neo-realismo cinematográfico e do romance norte-americano dos anos 40 e 50. *L'étranger* e *La peste* confirmam a permanência do gênero romanesco, mas também o inovam, incorporando-lhe a fluidez e o choque ideológico próprios do século XX.

Pela mesma época, em 1951, Marguerite Yourcenar publica *Mémoires d'Hadrien* (1979), espécie de romance histórico ou biografia fictícia, na qual deixa entrever sua maneira de escrever: cada página parece resultar de um estudo, de uma reflexão e o estilo revela sua intenção de afastar um leitor menos participativo. Silvana Vieira da Silva destaca o fato de a autora fazer observações sobre os problemas colocados pela escritura e explicar suas escolhas, ocupando dessa forma o centro de sua obra pela massa de idéias que coloca em cada livro, e que revela a autora por trás do narrador, sua pessoa por trás da escritora.

A década seguinte vê surgir na França uma série de novos escritores que, entre outros gêneros, praticam também o romance. Em 1963 Jean-Marie Le Clézio publica o seu primeiro, *Le procès-verbal*. Examinando os Procedimentos narrativos em *Onitsha*, obra mais tardia, de 1991, Ana Luíza Silva Camarani busca apontar nela as tendências à improvisação, o hibridismo de gêneros, a intertextualidade, a mescla de estilos que, juntamente com a meta-ficção historiográfica, o uso da metalinguagem, lhe permitem abordar os grandes temas do mundo contemporâneo.

É nos anos 60, também, que Georges Perec começa a publicar seus romances (*Les choses* é de 1965), nos quais o espaço se torna personagem e é interrogado pelo autor, já que a cotidianidade não é evidente. Entre os espaços possíveis que Perec aborda em sua obra, Claudia Amigo Pino lembra o espaço da página, que, segundo o autor, é o percurso do escritor, percurso este que consiste em “criar brancos”, e nesses brancos ele inclui as margens. A página cheia, escrita, está perdida para o leitor. Ele, então, cria brancos para que o leitor escreva. Em *La vie mode d'emploi* (1978), Perec chama cada capítulo do livro de romance. A lógica do sistema de criação da obra assemelha-se à dos quebra-cabeças nos quais o leitor toma o lugar de criador.

Em meu artigo sobre Michel Tournier, eu quis observar que o romance se enriquece mais uma vez recorrendo a mitos diversos e esquecidos que o autor atualiza. Daí a profundidade de suas obras, que propõem sempre, como os mitos, situações existenciais exemplares. Sua primeira obra, *Vendredi ou Les limbes du Pacifique* (1972), é publicada em 1967 e é uma releitura de *Robinson Crusoe* do autor inglês Daniel Defoe. Para Tournier, as releituras são uma forma de revalorização de obras anteriores, uma criação intertextual que não deseja abolir o texto precursor, mas, ao contrário, dar-lhe uma sobrevida.

É também nessa mesma década que Patrick Modiano publica seu primeiro romance, *La place de l'Étoile* (1965). Rosária Costa Ribeiro lembra que Modiano se interessa especificamente por dois momentos históricos: a ocupação nazista e a juventude francesa de 1960. E seus romances são uma mistura de romance histórico, *nouveau roman*, romance policial, autobiografia e utilizam os procedimentos inovadores de todos eles.

Maria Clara da Silva Ramos Carneiro discorre sobre Roland Barthes, o conceito de autor e de gêneros literários, e chega ao ensaio, que flutua entre a ciência e o literário e é quase sempre escolhido por esse autor quando escreve. O ensaio é considerado o gênero do século XX e, como o romance o foi em seus

primórdios, é um gênero de fronteira. Em seu curso *A Preparação do Romance* (1978-1980) no Collège de France, ele discutiu esse gênero por meio da obra de Proust, que também partiu do ensaio para empreender sua obra e seu texto. A articulista lembra que os críticos consideraram o livro de Barthes *Fragmentos de um discurso amoroso* como um novo gênero de literatura que produz o efeito que produziram os romances do passado.

No texto seguinte, Lídia Fachin fala de *Um Francês na Amazônia*, sobre Erick Orsenna que, em 1988, publica *L'exposition coloniale*, no qual se alternam três vozes narrativas para tecer os fios de uma história múltipla que aponta o século XX, com suas maravilhas e misérias, como seu verdadeiro herói. Um dos narradores, que pertence à tradição do pícaro, vem ao Brasil e, com as imagens que constrói, faz o registro do estranhamento do encontro do Eu com o Outro, do centro com a periferia.

Erica Milaneze apresenta *A escritura híbrida de Pascal Quignard em Les ombres errantes*, sobre esse escritor cujas obras, que datam de 1987, são consideradas inclassificáveis pela crítica francesa, pois se colocam nas fronteiras entre prosa e poesia, romance, ensaio e música, que se misturam em uma narrativa híbrida e fragmentada. Nos fragmentos, apresentados de forma lírica, o leitor encontra pequenas notas, confidências pessoais, comentários sobre arte, política, economia que buscam aproximar passado e presente para resgatar as “sombras” que a tradição cultural abandonou.

Surgindo na última década do século, em 1991, Amélie Nothomb, nascida no Japão de pais belgas, logo se tornou uma das jovens escritoras de língua francesa em atividade que conheceu grande sucesso no mercado editorial. Verônica Galindez Jorge aventa duas possibilidades para a caracterização de seus escritos: de um lado, seriam autobiografia e uma espécie de diálogo com determinada tradição literária, o conto filosófico, o que, segundo a articulista, são elementos de uma só coisa. A autora escreve para se conhecer, para criar uma identidade. Por outro lado, sendo uma escritora formada em filologia românica, ela pode desenvolver uma relação, se não privilegiada, pelo menos crítica com a linguagem. Resulta de tudo isso, uma autobiografia da relação do sujeito com a linguagem e com a experiência cultural.

Concluindo essa apresentação breve dos romances e romancistas que compõem este volume de *Lettres Françaises*, constatamos que o século XX foi aquele em que os autores do gênero sentiram-se livres para experimentar novas formas, novos procedimentos que conduziram o gênero por novos caminhos

e contribuíram para sua diversidade. Desde os primórdios do século o leitor encontra nele a mistura de gêneros, a prática de uma escritura artística, o uso do intertexto e da releitura, a chamada ao leitor, as relações do Eu com o Outro, as escrituras do Eu, as confidências, as relações com a linguagem e com a cultura. São alguns dos traços que compuseram o perfil do romance no século XX e que perduram, ainda, sem dúvida, neste século XXI.

Guacira Marcondes Machado Leite

